CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
12 DE JULHO 2023

SESSÃO "PASSEIOS ALEGRES"

AS COISAS DOS OUTROS / 2012

Realização: Alexandra Côrte-Real de Almeida / **Investigação e argumento**: Flávio Gonçalves / **Direção de fotografia**: Leonor Teles / **Direção de som**: Rita Pestana / **Montagem**: Pedro Cabeleira / **Com**: vendedores da Feira da Ladra (Abel Ricardo Mação, Alexandra, Albertina Ascenso, Amorzinda Fernandes, Ana Paula Tomâz, Almando Duarte, Belarmino Belmonte, Carlos Santos, Evaristo, Alexandrino, Inês Ferreira, Isabel Teixeira, Jaime Pedrinho, João Gama, João Paulo Gama, João Santos, José Reis, José Portalegre, José Felismino, Lucinda Castro, Lucinda Casanova, Luís Moura, Manuel dos Santos, Fernando Fonseca, Fernando Ferreira, Rafael Bernardino, Raúl Moreira, Ricardo Sandir, Rosa, Saúl José Lopes, Semion Cojocoiri, Vasile Plesca, Violeta Azevedo, Vítor Carvalho, Zélia Augusto).

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 2.º ano) / **Direção de produção**: Mariana Guarda / **Cópia**: Ficheiro digital, cor, falada em português (a exibir em formato DCP) / **Duração**: 16 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca

QUERIDO CARLOS ALBERTO / 2006

Realização: Aurora Ribeiro / **Argumento**: Flávia Lombardi / **Direção de fotografia**: Flávia Lombardi / **Direção e pós-produção de som**: Diana Meireles / **Direção artística**: Francisca Costa / **Montagem**: Frederico Costa, Alina Lopes, Hugo Sousa / **Música**: Pedro Augusto / n: Ricardo Gonçalves / **Interpretação**: Rosa Areal (Esmeralda), Tiago Lameiras (Carlos Alberto), Elsa Galvão (professora).

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção**: Gil Gelpi / **Chefe de produção**: Henrique Barroso / **Laboratório**: Tobis Portuguesa / **Cópia**: 16mm, cor, falada em português e legendada em inglês (transferida para suporte digital e a exibir em formato DCP) / **Duração**: 14 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca

AMOR, AVENIDAS NOVAS / 2018

Realização: Duarte Coimbra / **Argumento**: Luís Miranda, Duarte Coimbra, Pedro Ramalhete / **Direção de fotografia**: Miguel Barbosa / **Direção de som**: Vera Lopes e Miguel Coelho / **Montagem**: Bruno de Freitas Leal / **Assistência de realização e Direção artística**: Raquel Teixeira / **Interpretação**: Manuel Lourenço (Manel), Beatriz Luís (Rita), Marcelo Tavares (Nicolau), Carolina Caramujo (Mariana), Nena Coimbra (Mãe), As Menina do Cinema (Catarina Alves, Catarina Telo, Inês Petiz Viana, Inês Lima Torres, Jade Pereira, Joana Silva Fernandes, Laura Gama Martins, Luísa Coimbra, Mafalda Fresco, Maria Inês Gonçalves, Raquel Rolim, Raquel Teixeira, Tatiana Ramos, Vera Lopes).

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção**: Pedro Ramalhete / **Chefia de produção**: Raquel Rolim / **Cópia**: DCP, cor, falado em português / **Duração**: 20 minutos / **Estreia**: 2018, Festival IndieLisboa / **Estreia Internacional**: 2018, Semana da Crítica, Festival de Cannes / **Primeira passagem na Cinemateca**: 28 de janeiro de 2020, Antestreias

EX-VENUS IN FURS / 2017

Realização: João Martinho / **Argumento, Montagem e Direção de arte**: David Araújo / **Diretora de fotografia**: Inês Alegre / **Direção de som**: João Tenera / **Mistura de som**: Daniel Tavares / **Com**: Larissa, Luiz Saldanha, João Martinho

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 2.º ano) / **Direção de produção**: Rui Ferreira / **Coordenação de produção**: Francisca Mendes / **Cópia**: Ficheiro digital, cor, falado em português e inglês (a exibir em formato DCP) / **Duração**: 16 minutos / **Estreia**: 27 de outubro de 2017, Festival DocLisboa / Primeira apresentação na Cinemateca

MISTIDA / 2022

Realização: Falcão Nhaga / **Argumento**: Pedro Cabral, Falcão Nhaga / **Direção de fotografia**: Carolina Abreu / **Direção de som**: Diogo Albarran / **Mistura de som**: Marcelo Tavares / **Direção de arte**: Maria Almada / **Montagem**: Marta Lopes / **Colorista**: Marco Amaral / **Interpretação**: Bia Gomes (Odete), Welket Bungué (Nelson).

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / **Direção de produção**: Mariana Morais / **Chefia de produção**: Beatriz Reis / **Distribuição e Vendas**: Portugal Film – Portuguese Film Agency / **Design**: Eduardo Marques / **Cópia**: DCP, cor, falada em português e crioulo da Guiné-Bissau / **Duração**: 30 minutos / **Estreia**: 2022, Festival IndieLisboa / **Estreia Internacional**: 24 de maio de 2022, La Cinef, Festival de Cannes / Primeira apresentação na Cinemateca

Com a presença de Duarte Coimbra, João Martinho e Falcão Nhaga.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos.

O nome desta sessão, "Passeios Alegres", é uma alusão às travessias felizes que correm pelas profundezas dos filmes que aqui se apresentam (e não tanto uma referência ao programa de Júlio Isidro, "O Passeio dos Alegres", ainda que uma certa representação da portugalidade que aí se montava, um país multicultural, eclético e cheio de esperança no progresso comunitário, se encontre também aqui refletida, já em modo desiludido ou nostálgico – a nostalgia daqueles que reimaginam a juventude dos seus pais).

Numa primeira instância estas travessias são muito objetivas e até podem ser entendidas como meras soluções narrativas: em **As Coisas dos Outros** a viagem materializa-se nas histórias das pessoas e dos objetos sobre os quais o filme repousa (cada história é uma viagem, uma travessia memorialista que amassa, risca e amolga as coisas e as gentes); já **Querido Carlos Alberto** começa precisamente na Estação do Oriente, junto à linha do comboio, e todo o filme se estrutura em torno de um "comboio perdido", isto é, em torno de uma declaração de amor que poderá ser proferida tarde demais; **Amor, Avenidas Novas** acompanha a peregrinação de um rapaz ao longo da Avenida Almirante Reis, subindo-a com um colchão de casal e descendo-a com outro, de solteiro; **Ex-Venus in Furs** trata da viagem de uma vida, cheia de trilhos pela primeira vez desbravados, que acabou por vir parar a Lisboa; e, por fim, **Mistida** acompanha uma caminhada, de um filho e uma mãe, desde o supermercado até à porta da casa dela, uma caminhada cheia de recordações de infância (dele) e desejos de futuro tradicionalista (dela). Se todos estes filmes retratam, de alguma forma (mais literal ou mais metafórica), uma itinerância, a particularidade de cada título permite um mergulho mais atento às surpresas do caminho (o caminho das personagens e o caminho dos cineastas, que por vezes se entrecruzam e se confundem com os das suas personagens). Caminhos ínvios e confluentes que fazem com que nesta sessão se cantem três canções (Fado-Rock, Lena D'Água e Koitadessa), se leiam três cartas (um bilhete adolescente, uma correspondência entre dois jovens apaixonados, ou uma carta de admiração a uma Diva) e se repassem fotografias, objetos e memórias.

Alexandra Corte-Real de Almeida, a realizadora de **As Coisas dos Outros**, documentário de segundo ano da Licenciatura em Cinema da ESTC, assinou algumas outras curtas-metragens escolares: no primeiro ano, **O Rapaz do Piano** (2012), no terceiro ano, e como filme de fim de curso, **Um Conto de Inverno** (2013). Despois da Escola tem trabalhado em produção [foi assistente de produção de **Frágil** (2022), de João "Pedro Henrique" Eça] e esteve encarregue pelo guarda-roupa doutras primeiras longas-metragens doutros colegas de geração, **Verão Danado** (2017), de Pedro Cabeleira, e **Simon Chama** (2020), de Marta Sousa Ribeiro. O filme, cuja pesquisa e o argumento são de Flávio Gonçalves, e a direção de fotografia de Leonor Teles, tem uma premissa bastante simples, fazer um retrato da Feira da Ladra a partir de alguns dos mais antigos vendedores que ali fazem negócio, partindo dos objetos que estes têm para venda. No entanto, o filme surpreende pela graça ladina com que aborda as pessoas, com que interage sem nunca menosprezar ou mitificar quem quer que seja, sorrindo e caminhando, como quem visita – de facto – a Feira da Ladra, pelo prazer de circular por entre aquelas bancas, vendo e remexendo nos objetos que se espalham pelo chão. Essa alegria despreocupada é o que fica do filme, sensação que resulta, em grande parte, da própria participação de vários vendedores que desafiam – e chegam mesmo a contrariar – os propósitos mais saudosistas do filme (ouve-se uma senhora que diz "não vou perder tempo a falar de trapo velhos, eles falam por si"). Daí que, por exemplo, a referência à situação económica de Portugal em 2012 seja algo a

que se alude com enorme vagueza através de dois brevíssimos apontamentos sonoros (um senhor que chora sempre que vende um dos elefantes da sua coleção, ou o dizer de uma vendedora que explica "a gente precisa é do dinheiro, quero lá saber da saudade"). O que facilmente poderia ser um retrato miserabilista daqueles que se veem obrigados a desfazer-se dos seus pertences, acaba por se revelar um retrato da transumância das coisas, passando de mão em mão, como os brincos da Madame De, onde cada troca fomenta a partilha de uma história ou de uma memória (que vive nos objetos e habita aqueles que, por instantes, os possuem).

Já **Querido Carlos Alberto**, de Aurora Ribeiro, é um filme que destoa grandemente da produção típica da Escola: uma comédia romântica adolescente, passada nos corredores do liceu (o icónico Liceu Camões), entre bilhetinhos apaixonados, jogos de futebol, *bullying* e declarações de amor. Adaptando o universo das comédias de *high school* dos anos 1980 e 90, com John Hughes e Howard Deutch à cabeça, mas começando por um pesadelo surrealista no "dia do casamento" a fazer lembrar **Father of the Bride** (1950), de Vincente Minnelli, **Querido Carlos Alberto** assume-se enquanto variação sobre um género norte-americano específico e popular, os *teen movies*, trabalhando os lugares-comuns e os *clichés* desta linhagem à medida da realidade portuguesa (construída a partir de um imaginário enformado pelo cinema de Hollywood – daí que a protagonista sonhe em passar uma férias no Havai, durante a aula de inglês, e nem lhe ocorra a possibilidade de estender uma toalhinha em Paço de Arcos). De qualquer modo, a singularidade do filme encontra-se na construção da personagem de Esmeralda e na forma como esta encontra no futebol uma forma de imposição da sua presença, do seu corpo e da sua personalidade, cortejando assim o rapaz dos seus sonhos a partir do território dele: "jogar à bola". Contudo, o desenlace revela uma maturidade que advém do próprio desacerto de "maturidades" das duas personagens, confrontando-se aí o pragmatismo dele com a fantasia romântica dela. Uma rejeição que é, afinal, uma forma de crescimento.

É nesta sequência que se apresenta **Amor, Avenidas Novas**, o filme de final de curso de Duarte Coimbra, que muito embora se distancie olimpicamente da estética dos *teen movies* mantém com esse género uma afinidade emocional. Foi Pedro Ramalhete, produtor e coargumentista do filme, que intitulou o seu colega como um dos "últimos românticos" e, de facto, tudo em **Amor, Avenidas Novas** aponta para essa consciência do fim do romantismo (ou, pelo menos, do fim de uma versão cândida do amor, resumida no desejo não realizado de "ter alguém com quem comer um gelado até morrer"). O filme começa com as cartas trocadas entre os pais do protagonista, cartas veranis de um tempo em que não havia telecomunicações e as férias se passavam à distância de um bilhete postal – culminando essa troca apaixonada, sobre fotografias de época, com a voz de Manuel (Manuel Lourenço), concluindo "muito antes de eu nascer já os meus pais tinham inventado o amor". Esta relação com o passado mitificado dos pais cruza-se com um presente desiludido: Manuel é tirado à força da cama por um amigo que precisa do seu colchão de casal para poder dar guarida à namorada que foi expulsa pelo senhorio, que resolveu transformar a casa num Airbnb – ouve-se, pouco depois, entre turistas de *selfie stick* em punho, que "Lisboa tá impossível". Todo o filme se desenvolve nesta tensão entre a idealização romântica do passado e concretude de uma Lisboa contemporânea que, apesar de tudo, está muito mais aberta à possibilidade do amor do que o protagonista é capaz de identificar.

O retrato de Arroios que Duarte Coimbra oferece é, a começar pelo título, uma incursão pelo bairro que o entende enquanto espaço de cinema, a princípio historicamente. As Avenidas Novas foram (e permanecem) o território do Novo Cinema Português, em particular d'**Os Verdes Anos** (1963), esse filme de amor trágico sobre a solidão urbana e o poder de rejeição de uma metrópole – sendo que, se se quiser aproximar **Amor, Avenidas Novas** de algum filme desse período do cinema português, é mais justo, e mais apropriado, emparelhá-lo com **A Invenção do Amor** (1965), pelo romantismo exacerbado e pelo jogo com os géneros de cinema, num o musical, no outro a distopia *sci-fi*. Mas além da perspetiva histórica, a relação do filme com a cidade (ou com o bairro) é igualmente tocada pela potência do cinema como arte que permite transfigurar os lugares. Manuel vagueia pela Almirante Reis com o seu colchão de solteiro (sinalizando-se aí o seu duplo desamparo) e, subitamente, invade a rodagem de um musical onde se canta ingenuamente sobre "folhadozinhos de carne" (um rodagem com uma equipa inteiramente composta por raparigas e na qual a lata de película passa irmãmente de mão em mão até se fazer cartão SD – estabelecendo-se uma continuidade fraternal com o cinema do passado mas que, ainda assim, é agora sustentada por outras mãos, as mãos do futuro). A tristeza e a fixação sobre uma visão rosada do passado impendem-no de tomar consciência da potencialidade fantástica do que o envolve. E é, justamente, através do cinema (entrando literalmente nele) que Manuel rompe a sua bolha de autocomiseração e, num dos mais tocantes diálogos de engate (talvez porque mudo, como no referido filme de António Campos),

semeia-se a flor da paixão. A partir daí já pouco importa que "os turistas nos comam", que isto seja tudo "para inglês ver" ou que uma loja encerre para dar lugar à nova "lavandaria típica do bairro", porque "vi-me nos olhos dela e gostei de me ver". Chegando-se ao paroxismo do "Tu Aqui" (versão de Lena D'Água da canção de António Variações), onde por fim o musical contamina a vida.

Estes efeitos de eco e contágio entre a vida e o ecrã acontecem, em **Ex-Venus in Furs**, através da figura mitológica da Diva, neste caso Larissa (sem apelido), *designer* de moda que fez sucesso nos anos 1960 e 1970 em Nova Iorque (figura recorrente do Studio 54 e da Factory de Andy Warhol conhecida como a "Coco Chanel do Rock and Roll"). João Martinho, realizador deste documento produzido pelos alunos do segundo ano da ESTC, é, dos colegas da sua geração, um dos cineastas que mais dialoga com o património do cinema clássico de Hollywood, em particular com o seu espólio de representações femininas na relação com um trabalho sobre a cor e os *décors* que privilegia o artificialismo (remetendo conscientemente para o cinema de Douglas Sirk). Se isso se anuncia neste documentário de forma tímida com a primeira sequência na casa em ruínas, com os pássaros engaiolados e as flores espalhadas pelo chão, tudo se tornaria evidente nos seus filmes posteriores: **Irene** (2018), o seu filme de final de curso na ESTC, e a sua curta mais recente, **Autoerótico** (2023), filmes que encontram na presença e no corpo de meia-idade de Ana Cristina de Oliveira, a mesma aura funesta de uma Jane Wyman em **All That Heaven Allows** (1955), com o realizador a jogar, ora de forma direta, ora de forma alusiva, com o passado da atriz nas Doce. Mas regressando a Larissa, João Martinho e o argumentista (montador e diretor de arte) David Araújo produzem uma elaborada costura intertextual entre a vida de Larissa, a própria relação do realizador com ela (e a sua aura) e a novela que inspira o título do filme, *Venus in Furs* [*Venus im Pelz*], novela do austríaco Leopold von Sacher-Masoch – adaptada ao cinema em 2013 por Roman Polanski. A curta-metragem estrutura-se como uma resposta a uma passagem do livro (que inspira a tal sequência altamente encenada da abertura, aquela que destoa do lado mais circunstancial do resto da rodagem), onde de inverte e perverte o sentido do texto na relação do realizador com a "sua" Diva – o *glamour* como assombração. O principal motivo dessa inversão de sentido resulta das contingências de um corpo, o da própria Larissa, muito envelhecida e frágil. Aí, a Diva "de mármore frio" ganha vida "e pulsos palpitantes" e apesar de ser já uma "vénus sem peles" é ainda "uma vénus, e que mulher".

Por fim, **Mistida** é talvez o mais sólido dos filmes de produção recente da ESTC. Ao longo dos seus trinta minutos, sente-se a segurança do olhar do seu realizador, Falcão Nhaga, que descobre na simplicidade narrativa, no minimalismo do texto e dos pretextos, no recurso despudorado aos silêncios, na singeleza da sua *mise en scène* e na segurança da sua *découpage* (a força dos poucos campos / contracampos que rompem com a tendência para os planos gerais e distantes), dizia eu, descobre nisso tudo o retrato de um choque geracional diaspórico. Uma mãe e um filho numa Grande Lisboa indistinta, ela centrada na continuidade da sua língua (o crioulo guineense), da sua gastronomia (o chabéu) e das suas tradições, ele doutorado e professor universitário que não quer voltar à "sua" terra de mãos a abanar e que se culpa por não estar suficientemente presente na vida da mãe. Esta tensão entre tradição e mudança manifesta-se no filme em sentidos opostos, com o filho encantado pelas suas memórias de infância (que o regresso ao bairro e à casa da mãe lhe recordam) e a mãe que só se projeta no futuro, um futuro na Guiné-Bissau, com todos os tio, tias, primos e primas (ainda que seja atormentada por sonhos/pesadelos com a sua mãe que não come e não para quieta – ao que o filho lhe responde "só eu é que não sonho"). Ela resignada, mas esperançosa, ele integrado, mas sem desejos. Esta série de paradoxos próprios da diáspora (para primeiras e segundas gerações) revelam-se no filme com uma claridade desarmante, e entrecruzam-se com o tecido suburbano sem passeios e feito de desníveis, escadarias e passagens de nível (como que materializando o labirinto das pertenças culturais). Porém, nessa malha urbana a pender para o cinzentismo atravessamos um canteiro a rebentar de flores coloridas e ladeamos uma estoica árvore à beira de uma escadaria, tudo quando a mãe se exalta e diz ao filho "foste enganado por esta terra!" E se ela se refere, naturalmente, ao país e ao seu território cultural, não se pode deixar de pensar no solo, tão propício a fazer crescer as mais frondosas verduras – outro dos paradoxos que subtilmente se insinuam. Mas se tudo aqui se opõe (sem nunca se contradizer), é no final, cara a cara (campo / contracampo), que uma canção de embalar nos lava em lágrimas e todas as tensões de desfazem no amor de uma mãe protetora por um filho emancipado.

Ricardo Vieira Lisboa